

ENTREVISTA

Entrevista realizada pelo Professor Leonardo Mattos com o Sacerdote Gangazauangi/Marcos César, em 25 de julho de 2023, quando dos 6 anos do título de Patrimônio Mundial do Cais do Valongo

Marcos César (Gangazauangi) é sacerdote de Candomblé e residente da Pequena África,

Leonardo Mattos é professor de Geografia licenciado pela UFRJ e especialista em Cidades, Políticas Públicas Urbanas e Movimentos Sociais pelo IPPUR/UFRJ.

Email: leoc.mattoss@gmail.com

Apresentação

O Pai Marcos César, ou Gangazauangi - seu nome tradicional de origem do Candomblé bantu/Angola -, é respeitado pela sua atuação e luta pela valorização da cultura afro-brasileira no território da Pequena África e no Morro/Favela da Providência. Nascido em 1963, continua firme na defesa dos direitos dos povos de matriz africana ou de terreiro na Pequena África, levando o axé e a energia dos orixás, dos voduns, inquices e encantados por cada canto do território ancestral.

Seja com as suas cantigas, seja com as estórias da região e da sua formação de axé no terreiro para a ancestralidade, o Pai Marquinhos, como carinhosamente é conhecido, esbanja humildade, amor, alegria e muita sabedoria popular, ancestral e tradicional. A ancestralidade é viva nele!

A proposta dessa entrevista, cujas respostas foram transcritas da forma mais fidedigna possível à oralidade do entrevistado, é destacar como a produção do território da Pequena África, por meio dos terreiros e dos povos de matriz africana (das diversas nações do Candomblé e vertentes das religiões afro-brasileiras, como a Umbanda, por exemplo) se expandiu para as demais áreas da cidade e mesmo da região metropolitana, como a Baixada Fluminense. As narrativas do Pai Marquinhos relacionam a transformações urbanas pelas quais passou a zona portuária com a resistência de axé perpetradas na região do Cais do Valongo – Patrimônio Mundial.

A supervalorização das áreas centrais das cidades no processo histórico e geográfico de construção da capital fluminense, fez com que o solo ficasse encarecido e “empurrasse” os terreiros e a população mais pobre para os subúrbios da Central, especialmente na primeira metade do século XX. No entanto, o exercício da memória e o registro cartográfico dos caminhos são necessários para salvaguardar os *Rios de Janeiros* de outrora e fazê-los

emergirem por meio das tradições de origem e influência africana, a exemplo do resgate do passado do próprio Cais do Valongo.

As religiões de matriz africana merecem respeito.

Denuncie qualquer tipo de ataque ao axé e aos terreiros.

Povo de terreiro é povo tradicional. Povo de terreiro é Igualdade Racial.

Cais do Valongo – Patrimônio Mundial.

Uma herança ancestral



Fonte: Arquivo pessoal – Marcos César. Cedido ao autor (2023).

Leonardo Mattos – Como nasceu o axé na Pequena África?

Gangazauangi / Marcos César - Todo mundo pensa que a casa do João Alabá foi o primeiro candomblé da região. Não. O primeiro Candomblé daqui foi o da minha vó Gauyacu Rosenda, que foi para a Rua do Propósito, 20. Do lado era o do Pai Cipriano de Alabedé. Hoje esse axé está com tia Glorinha. Tia Glorinha é a responsável pelos reis de Patabá. Eu raspei santo aqui na Rua Pedro Ernesto, com 5 anos (de idade). Depois ele (Pai Cipriano) vai para Rua João Caetano, que não existe mais, e o Pai Cipriano fica com o

Pai Agenor. Ele se dá muito com o pai Agenor. Pai Agenor, depois, tomou obrigação com João de Alabá e Mãe Anininha. A segunda mãe pequena é a Davina, a avó da Mãe Meninazinha. Davina foi feita com o Seu Procópio, na Bahia, e está no filme "Cumprade de Ogum", sobre "Procópio do Ogunjá", filho de Marcolina Africana. Mãe Meninazinha termina e planta o axé na Marambaia e depois vai para São João de Meriti. Depois ela abre a casa dela e não dá continuidade ao Axé de João de Alabá, seguindo a raiz do Alaketu (Procópio).

Todos os filhos de santo do João de Alabá morreram (no período da) na transferência do terreiro da Gamboa para a Baixada Fluminense. Ele foi perseguido pela polícia pela realização de blocos e a criação de bichos (o que era proibido na época), próximo à Rua dos Cajueiros, na Central do Brasil. O feiticeiro dele era o Açumano do Estácio. O da Tia Ciata, a irmã dele, era o Benzinho. Eles eram contemporâneos. Ela foi feita no santo por Bamboxê Obitiko. Quando Mãe Aninha vem pra cá, ela funda o Opo Afonjá, antes mesmo que o da Bahia.

Mãe Aninha ainda recebe o troféu de Mãe Preta no Maracanã. Assim, ela (Mãe Aninha) raspa a última filha: Conceição do Conceição de Oxum, aqui na Rua Conselheiro Leonardo, na subida do Hospital Nossa Senhora da Saúde. Ali perto do Trapiche Gamboa, também tinha um terreiro e acabaram com tudo. O terreiro foi da Dona Maria do Arranca Toco, que era filha do Seu Tata Tancredo. A irmã dela tinha um terreiro aqui, a Mãe Palmira de Oxum, aqui na Rua Leoncio de Albuquerque.

Leonardo Mattos – Onde era o terreiro do João de Alabá?

Gangazauangi / Marcos César - Na Rua Barão de São Félix, cento e alguma coisa e não existe mais. Daí Mãe Aninha deixou um axé plantado aqui na Pedra do Sal, que era do Opo Afonjá. Vem ela, o tio Joaquim (Oba Bale - título que existe na casa de Xangô), e ela começa a raspar filhos aqui na pedra do sal.

Leonardo Mattos – Havia mais algum terreiro aqui?

Gangazauangi / Marcos César - O da Mãe Maria das Neves... Teve muito terreiro.

Leonardo Mattos - Qual é o nome da sua mãe?

Gangazauangi / Marcos César - Derciliana Teixeira Filbres. O terreiro dela era na Rua Rego Barros, 13. Hoje está com Maria José. Aqui na Gamboa. Onde morou Paulo da Portela, onde tem a rua Dodô da Portela. Tem o terreiro do Seu Zinga também lá na Nabuco de Freitas. Uma das umbandas mais velhas que tem. Hoje aqui tem esse e está na mão da minha mãe de santo Luquinha.

Ainda tem (o terreiro) de mãe Neusa, onde era o Clube Jacaré do Barroso, na Ladeira do Barroso, que agora está com a filha dela, com a Glória. Agora, teve o rapaz que abriu aqui também, que era do filho de santo do Valdemiro Baiano, e tomou obrigação com Celinho Marabô. Ele abriu na Rua do Propósito. Tinha (Mãe de Santo) Bambaia lá em cima no Morro do Pinto, que tinha um caboclo lindo, o Cachoeirinha. E tinha a tia do meu filho de santo, do Paulo Careca, a Odete Caueto.

Leonardo Mattos - E onde fica o Seu Tata Tancredo nessa história?

Gangazauangi / Marcos César - Tata Tancredo funda a federação que era na Riachuelo. Traz essa herança lá de Vassouras, daquele lado, né? Que era a junção daquele grupo e ele então funda a federação. Ele era bem articulado. (Reúne os cultos) Inquice, vodun e orixá e os encantados. Ele trabalhava a maior linha de todos. Ele fez vários congressos. Recebeu a bandeira lá da África. Deu obrigação e abriu muitos barracões. Então foi muito importante e nós conseguimos muita coisa.

Leonardo Mattos – Qual a sua relação com a Pequena África?

Gangazauangi / Marcos César - Eu nasci em Botafogo e vim direto para a Rua da Gamboa, número 287, em um sábado, dia 23 de novembro de 1963. Por parte de pai, a minha família é uma das fundadoras do Morro da Providência. Família do Franklin Gonçalves de Oliveira, que nasceu em Cachoeira/BA, que era parente da Gayacu. Essa baiana (da música “O que é que a baiana tem?”), esse meu pai e esse meu avô eram parentes dessa senhora de jeje. Porque ele era de Cachoeira e ela era cachoeirana. Ela tomou obrigação com o seu Nezinho Bonopó, mas por ancestralidade ela teve que levar a casa de jeje. Ela era do Buritiba, um axé que é parente do Gantois Ketu. A minha relação (com a região) é toda essa assim. Com cantores, com sambista, com a pomba toda.

Leonardo Mattos – Soube que o senhor tem um projeto de ação cultural para a Providência e a região da Pequena África. O que seria?

Gangazauangi / Marcos César – A primeira casa de laje do morro era da minha avó, Teodora Carvalho de Oliveira. Não, Teodora Carvalho Bastos de Oliveira. Ela se casa com meu avô Carlos e ela muda para Teodora Carvalho de Oliveira, mas nenhum dos filhos levou Carvalho porque ela não deixou. Ela disse que o “neguinho” não ia ter o nome do Barão da Gamboa porque eu era parente do Barão da Gamboa. Depois, minha avó vai embora com o falecido Kim, o presidente de um negócio de “sacos”.

Leonardo Mattos – Voltando à casa da sua família na Providência. A proposta seria a implementação de um centro cultural?

Gangazauangi / Marcos César - Eu tô fazendo isso. Sempre me cobraram isso. Porque ninguém conseguia ficar naquela casa. Tinha um negócio... Os feitiços dela. Minha avó dizia que deixassem a casa dela cair, mas que só o sangue dela entrava ali dentro. Aí todo mundo me cobrava. De repente, eu comecei tirar os entulhos. Será uma Casa de Cultura e eu pretendo inaugurar no dia 04 de dezembro, porque ela (a avó) nasceu nesse dia.

Leonardo Mattos – Que máximo, Pai! Importante para a região. E o que vai ter nessa casa de cultura?

Gangazauangi / Marcos César - No começo eu vou começar trabalhando com plantas, ervas. Mas tem uma amiga minha que tem um projeto social de tear que sofreu um racismo muito grande. Ela, inclusive, teve aqui. A mãe dela trabalhava numa casa que a moça era do sul. E resolveu botar ela numa escola de tear. Como ela era a única negra, não deixavam ela usar o tear. A moça teria que comprar um tear e botar lá dentro da escola, entendeu? E esse tear ficou com ela até hoje. Então ela desenvolve um projeto bonito que eu quero chamar pra lá.

Leonardo Mattos – O que é a Pequena África para o senhor?

Gangazauangi / Marcos César - O povo tentou desfazer essa região com aquele viaduto que tinha, a perimetral, todo mundo tinha medo da região. Pelo contrário, antigamente, era uma região calma. Uma moça podia transitar a qualquer hora que fosse. O estivador que fosse pro trabalho não deixava ninguém mexer. Você podia subir e descer, mas hoje não. E a maioria (dos estivadores era) capoeirista, né? Isso aí é história viva, a nossa cultura é assim como a gente.

Leonardo Mattos - Qual o seu sonho?

Gangazauangi / Marcos César - Assim como a Perimetral caiu e descortinou tudo, meu é que essa história reviva!

Leonardo Mattos – Que honra, Pai Marquinhos! Obrigado. Axé!

